

EDITORIAL

O Parlamento Europeu, por proposta da Comissão Europeia, adotou a Decisão que institui 2018 como o Ano Europeu do Património Cultural. A mesma objetiva a promoção da diversidade cultural, o diálogo intercultural e a coesão social.

O legado que recebemos é tão grande quanto o é a nossa história; aquilo a que chamamos presente é, sem dúvida, o registo daquilo que fomos. Pelo que assumimos, em prol do desenvolvimento social e económico sustentável, a importância do património e da educação patrimonial, bem como a necessidade de um efetivo acesso de todos à cultura.

ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL | AEPC 2018

Sob o lema *Património: onde o passado encontra o futuro*, o ano de 2018, enquanto Ano Europeu do Património Cultural, vai seguramente presentear-nos com um vastíssimo e criativo leque de atividades exploratórias que vão contribuir para reavivar e reforçar a ligação dos indivíduos e das comunidades com a enorme diversidade e riqueza patrimonial que a todos envolve.

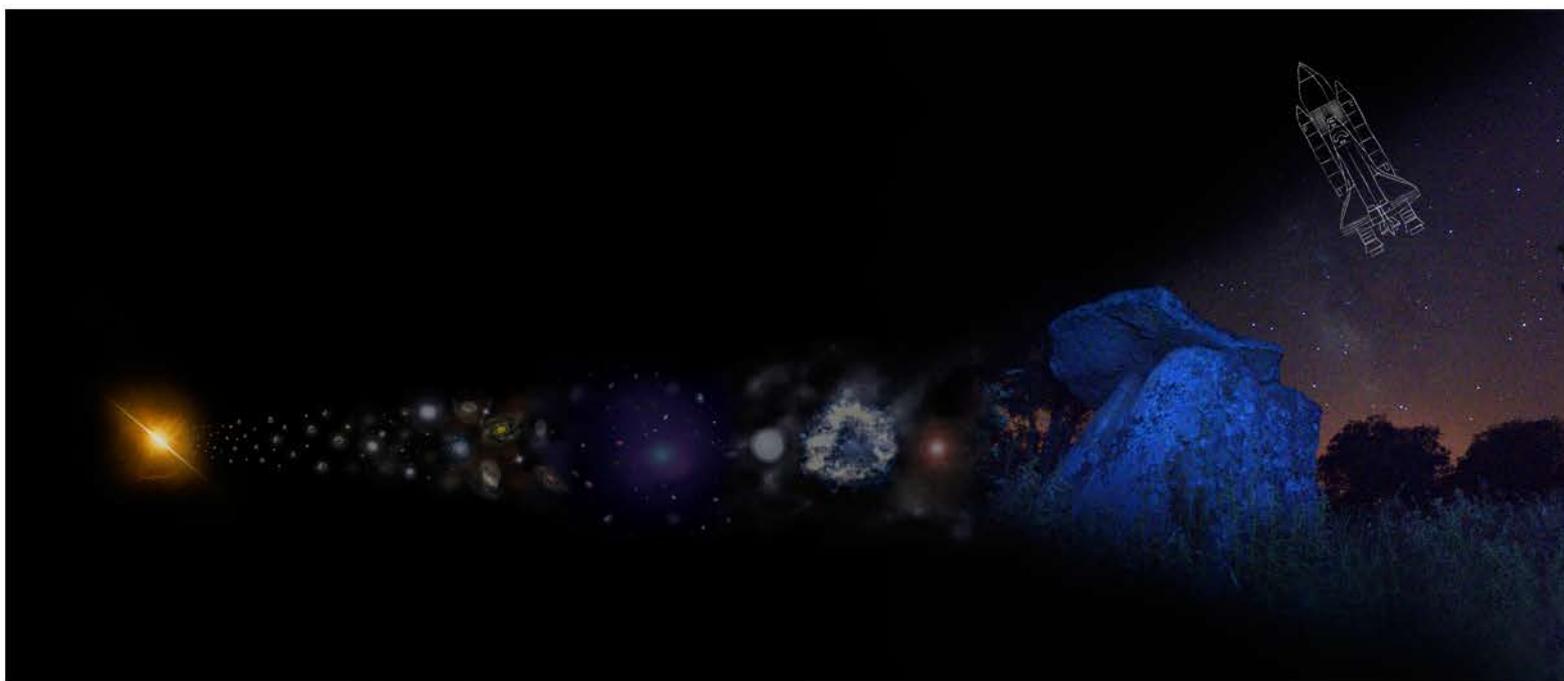
De património material e imaterial se trata, mas também de património natural, não menos relevante no contexto das paisagens humanizadas. Mas porque o conceito de património é dinâmico, fala-se hoje de património digital, seja enquanto recurso seja enquanto meio para assegurar a sua conservação. Resultado da ação humana, este imenso universo patrimonial diariamente nos levanta oportunidades e desafios que importa debater e refletir. Estamos perante um mundo que se pode ler e perspetivar a escalas diferentes, mas onde é vital e saudável o respeito pela diferença e pela memória identitária, seja qual for o seu registo. Somos naturalmente cultura.



NATUREZA E CULTURA: “ONDE O PASSADO ENCONTRA O FUTURO”

Nas noites de céu limpo olhamos os astros, as estrelas... Efetivamente olhamos o passado do Universo, o céu primitivo. É simples. Basta pensarmos que a luz do Sol demora cerca de oito minutos a chegar à Terra, *viajando* à velocidade da luz (cerca de 300 000km por segundo). Pelo que se a nossa estrela se extinguisse teríamos luz solar durante oito minutos. Por sua vez, Alpha Centauri, a estrela mais próxima do nosso sistema solar, está apenas a 4,37 anos-luz de distância... Todas as outras estrelas estão mais longe, sempre cada vez mais longe... Distam de nós bem para lá do que possamos imaginar. Assim, quanto mais distante olharmos o céu mais perto estamos da origem do Universo. Presentemente recebemos a luz emitida por uma imensidão de galáxias que existiram há milhares de milhões de anos. Tudo o que vemos é passado. Um passado mais ou menos distante.

Mas é neste olhar o passado que lançamos as bases do futuro, assumido pelo emblemático *Space Shuttle* na exposição de longa duração *Coruche: o Céu, a Terra e os Homens*. Um percurso que nos conduz por milénios de história e que culmina nas terras do montado de sobro. Uma floresta a descobrir... e a preservar, onde, no espaço *Natureza e Cultura*, elegemos o caminho do desenvolvimento sustentável, cada vez mais associado ao conceito de economia circular, no sentido de uma melhor gestão e poupança de recursos. Matéria-prima 100% natural, a cortiça oferece-nos, pelas suas características, ilimitadas potencialidades de futuro, com uso de excelência (em proteção térmica) na indústria aeroespacial. Com os pés bem assentes na terra caminhamos, corremos e partimos em direção ao céu e aos astros: onde o passado e o futuro se encontram.



Créditos da imagem: NASA / CXC / M.Weiss - Expansão do Universo; Foto: Jacinto Castanho - Anta de Vale Beiró

A TOPONÍMIA: PATRIMÓNIO EM DESTAQUE

Os nomes que atribuímos aos lugares encontram registos em vários tipos de suporte material, mas também fazem parte do património imaterial das comunidades.

A Toponímia, enquanto disciplina linguística que estuda o nome próprio de lugares, a sua origem e evolução, reflete-nos a humanização da paisagem ao longo dos séculos. É forte o seu contributo para com a Arqueologia, a História e a Geografia. Pode revelar-nos quando é que determinado lugar foi habitado, ou por que povo; pode contribuir para identificar lugares citados em documentos antigos; pode caracterizar os elementos físicos e naturais de um território. No concelho de Coruche é extensa a lista de nomes.

São preciosos os indicadores do património natural, sendo frequentes os nomes associados ao coberto arbóreo, tais como Azinhal, Amoreira, Ameixial, Pinheiro, Salgueirinha, Vale Sobreiras,

Fonte Carvalhos, e à fauna, nomeadamente Montinho do Corvo, Açor, Zebro, Coelhoos, Alto dos Corços, Mata Lobos e Asno. Este último também poderá ter outro entendimento que não o de *asinus*, burro, de origem latina. Muitos castelos persistiram na toponímia representados pelas palavras *asno*, *isna* e seus derivados (do árabe *hisn* = castelo). E porque os recursos hídricos são elemento vital para a fixação e desenvolvimento de qualquer comunidade, elegemos três sítios/topónimos que, referindo o termo “água”, são seguidos de um adjetivo qualificativo: Águas Belas, Água Boa, Água Doce. Este último deu nome às antas que se localizam à beira da EN2. As mesmas que os cadernos arqueológicos de campo, datados de 1931, designam por *Caminho da Fanica*, dada a passagem próxima de um curso de água: a ribeira da Fanica.

Ficha técnica

Textos: Cristina Calais **Grafismo:** Helena Claro **Revisão:** Ana Paiva

Fotos: Jacinto Castanho, José Cordeiro, José Manuel Vasconcellos, Museu Municipal de Coruche, Pedro Martins

Ilustração e tratamento de imagens: Helena Claro

Espaços públicos:

Centro de Documentação

Auditório

Cafetaria / Pátio

Salas de exposições

Núcleos temáticos

Horário:

Verão 10h30-13h / 14h30-18h

Inverno 9h30-13h / 14h30-17h

Aberto de 3.ª feira a domingo

Encerra às 2.ªs feiras e feriados

(exceto nos feriados 15 e 17 de agosto)

Contactos:

Rua Júlio Maria de Sousa

2100-192 Coruche

Tel.: 243 610 820 **Tlm.:** 962 049 268

E-mail: museu.municipal@cm-coruche.pt

Página web: www.museu-coruche.org